

POEMAS E CONTOS

José Brissos-Lino, Universidade Lusófona, Portugal, p901776@ulusofona.pt
José Viale Moutinho, jvialehoutinho@gmail.com
João Morgado, jmorgado2@gmail.com
João Rasteiro, rasteiro.j@gmail.com
Samuel Dimas, Catholic University of Portugal, Portugal, samueldimas@meo.pt,
0000-0002-0968-3616
Renato Epifânio, MIL - Movimento Internacional Lusófono, Portugal, info@
movimentolusofono.org
Medina de Gouveia, Open University, Lisbon, Portugal
Natália Constâncio, Nova University, Lisbon, Portugal, nconstancio@fcsb.unl.pt
Teolinda Gersão, teolindagersao2016@gmail.com
Sérgio Luís de Carvalho, sergioluisdecarvalho@gmail.com
Amadeu Prado de Lacerda, clotildelacerda@hotmail.com
Eugénia Abrantes, Institute of Advanced Studies in Catholicism and Globalization,
Portugal, eugeniamabrantes@gmail.com
Júlia Nery, julianery1@gmail.com
Referee List (DOI 10.36253/fup_referee_list)
FUP Best Practice in Scholarly Publishing (DOI 10.36253/fup_best_practice)
José Brissos-Lino, José Viale Moutinho, João Morgado, João Rasteiro, Samuel
Dimas, Renato Epifânio, Medina de Gouveia, Natália Constâncio, Teolinda Gersão,
Sérgio Luís de Carvalho, Amadeu Prado de Lacerda, Eugénia Abrantes, Júlia Nery,
Poemas e contos, © Author(s), CC BY 4.0, DOI 10.36253/979-12-215-0010-3.06,
in Michela Graziani, Annabela Rita (edited by), *Europa: um projecto em construção.*
Homenagem a David Sassoli, pp. 31-60, 2023, published by Firenze University
Press, ISBN 979-12-215-0010-3, DOI 10.36253/979-12-215-0010-3

O príncipe florentino

José Brissos-Lino

In memoriam David Sassoli (1956-2022)

A Europa não é só papas, reis e imperadores
púrpura cardinalícia, panteões
catedrais, democracia e alguns horrores,

é mais do que religiões e filosofias
desencontradas ideologias
aedos, trovadores, alquimistas
Aristóteles, Goya, Da Vinci,
artistas

vai além dos navegadores de Quinhentos
ditadores, mercadores judeus
cavaleiros, desvairados inventores,
ateus
e impostores

supera mesmo Alexandre, Ulisses e Roma
Serajevo, Paris, Guernica e o gueto de Varsóvia
caravelas, astrolábios, Córdoba mourisca
gingibre, canela e pimenta das Índias
Magalhães, Pedro e Inês,
e os amores à vez

excede até Shakespeare, Dante, Camões, Cervantes
Sartre e Beauvoir
Churchill, Maquiavel, Rasputine
Mozart, Wagner, Chopin,
E toda a imensa *patine*

É que por vezes ainda vê nascer um príncipe
no continente
com rei bíblico no nome
um distinto florentino de nobre classe

que à liberdade diz “Presente!”
transporta a pedra da paz na algibeira
lança na sua funda o *pedigree* do futuro
nas asas do espírito humano
à sua beira.

Setúbal, 2022

Balada silenciosa

José Viale Moutinho

In memoriam David Sassoli

Sobre a mesa está aberto o mapa
da Europa. A Europa onde cabem
aqueles que um dia sonharam
organizar-se como um universo
que poderia ser uma fraternidade.

A ponta de um lápis segue todas
as linhas das fronteiras abertas
entre os velhos e os novos países
irmanados como os versos tristes
de uma bela balada continental.

Há um bardo na terra que apura
o ensaio geral dos músicos
da filarmónica (a voz da) utopia,
vigiando. Vigiando, David marcava
a solidariedade dos nossos povos

que iam construindo mais e mais
esta Europa de lendas e fábricas,
mas que nem todos ainda entendem:
surpreendido, David abriu as asas
e quis ver o mundo lá do alto e longe.

Mas não se perdeu a sua viva voz,
a herança das suas eternas palavras
(como todas as heranças) soando
ainda hoje recompensa para aqueles
que conheceram o risco do lápis

sobre o mapa desta nossa Europa,
onde as terras se multiplicam,
onde hoje receamos a crueldade
de uma guerra de cegos e surdos
que por certo já não merecemos.

Porto, Setembro de 2022

O sementeiro

João Morgado

Dedicado a David Sassoli

O dia que nasce é uma flor de luz
desabotoada num simples ramo
espreguiçado numa entroncada árvore
alimentada pela seiva de uma raiz
herdeira da mais pura semente.

A luz nasce na escuridão da terra
tornada fértil pela mão do sementeiro
e vede como dum simples grão que se enterra
se pode iluminar o Homem por inteiro.

E num mundo ferido e alquebrado
sobrevoadado por harpias negras
saudemos quem no passado
resguardou as sementes valiosas da democracia

- quem não se importou de esboroar a terra
e evocar as chuvas a cada dia
na esperança da colheita.

Quando envoltos pelas trevas
da intolerância, da guerra
dos muros da hipocrisia humana
sigamos pois, essa claridade que emana
desse farol que nos conduz.

E sejamos nós seus herdeiros de verdade
solidários sementeiros
de outras árvores de liberdade...
de outras flores de luz!

A derradeira rasura da Europa

João Rasteiro

Olhai de que esperanças me mantenho!
 Vede que perigosas seguranças!
 Que não temo contrastes nem mudanças,
 Andando em bravo mar, perdido o lenho.
 (Luís de Camões, Busque Amor novas artes)

I

Hoje, “por mares nunca de antes navegados”,
 que se liquide como última tulha
 a boca da poesia com o esplendor da sedutora
 refrega da fé, um delito é uma alegoria
 num infinito de credos e sublime será a póstuma
 e derradeira rasura, o sémen ou semente
 do cheiro de terra molhada no idioma de David
 que voltará grisalho a sufocar Golias,
 uma infinda alegria que talvez ainda consiga
 sobreviver em desejada adolescente pólis.

II

E se ontem “passaram ainda além da Taprobana”,
 neste frágil domicílio de chão enxuto,
 já não nos basta o júbilo do nosso próprio verso
 tocando a liberdade, no pudor da indiferença
 que os deuses acendem, abriremos a jusante
 a soberba órfica desta assertiva mão que altiva,
 na indiferença do desastre, lidima deus,
 o modo como a ternura poderá alastrar de novo
 esta geografia ainda é o futuro da Europa
 vogando na espuma do mar em cintilantes canoas.

III

Mesmo apartados “em perigos e guerras esforçados”,
 e sentindo medonho o frágil batimento
 cardíaco de um coração na face apressada
 do habitual enlevo, se em cada demissão de fé
 se achar vivo um incógnito poema na cumeeira viva
 do grande silêncio onde germina um alfabeto
 sem rugas celestes, um possível céu azul mais ao longe
 cintilará o regresso de um futuro encantado, o olhar
 ainda humano nas bocas que se atijam nas auroras
 daquela Atenas em que Homero não temeu os bárbaros.

IV

Sempre ousaste, “mais do que prometia a força humana”,
e se por certas medidas de certos anoiteceres
é um deleite estar oculto nos mantos da solidão,
como um tal David nas polutas montanhas que pulou,
sempre será uma triste e cravada tragédia,
ó democracia, não se ser escoltado na branca ternura
desta nossa errática caligrafia de amor e futuro
antes de jorrar a faina sem fim da ampla eternidade,
a crença apoia-se na sua própria antecipação de jornada
e um corpo-poema buscaremos com barro e versos de todos.

V

Em viagens e batalhas” entre gente remota edificaram”,
clamores alongados e feridas ásperas,
pelo dom do verbo sobre as águas em seu inútil uso
em céu de águias, e hoje desejaríamos todos talvez dizer
a idade inteira da claridade por dentro da frágua
em seu núcleo bárbaro e limpo, lá, onde a Troia
dos nossos olhos sempre se ateará uma morada de alegria.

VI

Então, teus sonhos de “novo reino que tanto sublimaram”
estes orvalhados destroços que consentimos
e porque a utopia das coisas no seu tempo porvir,
David, é terrível sob a palavra e o verso aceso,
deixa que a tua preenchida promessa fecunde a rosa
e a tua repentina viagem, qual Ulisses,
invente rotas que a espalhem em futuro de anos-luz.

VII

Sussurra com ténue inquietação, como o amor no corpo
e o coração na solidariedade, mesmo no verso cego
que quase sucumbiu neste teatro ou comédia,
David, e façamos cumprir a tua promessa na miséria de urbes
em idiomas afogados, arrancando da fala triste
a fraternidade como ave ante um futuro de frutos,
e, “Alexandre em vós se veja, sem à dita de Aquiles ter inveja!”

Democracia

Samuel Dimas

A David Sassoli, poeta da democracia

Cada corpo abeira-se da estranheza
solidário da luz
na desordem aparente
que a noite derramou no mundo,

cada corpo enfrenta o outro corpo
solidário da liberdade
no constrangimento aparente
que a escravidão cravou na esperança,

cada corpo detém a violência
solidário da dignidade
no nevoeiro desorientador
que a indecisão desabrigou na aurora,

cada corpo confronta a guerra
com interpelações irrefutáveis
expostas no sangramento do espírito
que a carne não quis silenciar.

Algumas pessoas ainda preservam os corpos intactos:
envenenam a superstição com a inteligência
e elevam o olhar,
desafiam o ódio com o peito
e abraçam a diferença,
seguram as palavras com as mãos
e aproximam os afetos,
percorrem o perigo a pé
e decalcam o horizonte.

Algumas pessoas ainda conhecem por dentro
o poder nómada do silêncio
que suporta o corpo da paideia.

Slava ukraini

Renato Epifânio

In memoriam David Sassoli (1956-2022)

Ucrânia
Canhão de Carne
A vossa Coragem

Ucrânia
Carne para Canhão
A nossa Revolta

Avé, Europa
Os que por ti morrem
Não te saúdam

Nação: Não

Medina de Gouveia

In memoriam David Sassoli (1956-2022)

Escancaram-se as portas da guerra...
 Tantos ódios destilados
 Pelos cilindros do Tempo
 Queimam os inocentes
 À beira da mesa dos grandes
 Em rebelião!
 Armas poderosas
 Estratégias engenhosas
 Alianças venosas
 Em nome do orgulho da nação!
 Orgulho da nação?!
 Ideia parda,
 Sem caule, nem razão...
 Morrem os homens
 Por uma ideia
 Que não lhes dá felicidade,
 Nem pão!
 Morrer pela nação...
 Quimera muito útil
 Ao prato da oligarquia míope dos políticos,
 Dos que comem desta fonte de segregação!
 Morrer pela nação?
 Não! Definitivamente não!
 Antes morrer pela humanidade!
 Urge quebrar as barreiras fanáticas
 Das ideias, das crenças e das desavenças...
 Urge tecer a universal união!
 Urge cuidar do berço
 Onde todos nascemos para a liberdade!
 Um ideal com dimensão!
Urge... Antes que seja tarde!

Utopia Europa

Medina de Gouveia

In memoriam David Sassoli (1956-2022)

Pátria nova

De velhas pátrias

Irmanadas

Na riqueza das diferenças:

Línguas, identidades, costumes,

Antiguidades e vaidades imensas!

Como cerzir união

Em tanta desigual variedade?

Tarefa de Hércules

Com Atlas como contraforte

Sustentando um horizonte de contrariedade:

Esculpe comunidade de novo porte

Que quer brilhar sobre o mundo

Como signo de paz

Na sua inquieta demanda de unidade!

Um sonho matizado de paz

Natália Constâncio

In memoriam David Sassoli (1956-2022)

Sonhaste o velho continente
rutilante, como a Atlântida,
não já a perdida,
antes a reencontrada.
A do futuro a (ha)ver.

Lobrigaste a bandeira
que ergue a dignidade do ser:
pugnaste por uma Europa sem raptos
e por um mundo sem raptos,
animado por versos
de aedos imorredouros
ou por imagens
de artistas delicados
que fuzilam o olvido e os medos,
salpicando telas azuis de sonho
com as cores delicadas da paz,
para que os humanos
que com lágrimas lavam
o sangue e o chão
onde a morte brota das armas
agrilhoem, na caixa de Pandora,
a discórdia e a solidão.

Partiste cedo.
Mas as cores do teu sonho fraterno resistem.

Lisboa, 2022

Em memória de David Sassoli

Teolinda Gersão

O que diria David Sassoli se ainda estivesse entre nós? Que diria hoje o jornalista eleito em 2009 deputado para o Parlamento Europeu, de que viria ser Presidente de Julho de 2019 a Janeiro de 22? Desde a sua morte passaram apenas escassos nove meses, mas nesse espaço de tempo tão curto vivemos uma vertiginosa aceleração da História. Os problemas são agora mais prementes, e os perigos e ameaças mais avassaladores. A Europa e o mundo estão de novo em guerra, e a semelhança com a mais recente, de 1939 a 45, parece a cada vez maior.

David Sassoli não anunciou nem previu esta crise, como aliás ninguém. Mas as linhas mestras do seu pensamento não perderam actualidade, antes ganharam mais força.

A sua visão humanista tornou-se imprescindível: A Europa precisa de mais democracia, de mais solidariedade, de mais Europa. Precisamos de um novo projecto de esperança, de uma Europa inovadora, protectora e inspiradora.

O que hoje podemos reformular deste modo: Uma Europa forte, unida, democrática, solidária e sem medo.

Como disse Sassoli, não basta inovar na tecnologia e na transição digital, mas também na legislação, nas instituições, na forma de fazer política e mesmo nas acções e estilo de vida, como a revolução verde exige. Precisamos de agir mais e falar menos, de passar do pensamento à acção, legislando o que não está legislado, para que os gigantes informáticos não imponham as leis, em lugar de nós. Temos de ser credíveis e honrar os compromissos, e não deixar às gerações futuras reféns de políticas erradas.

Queremos uma Europa protectora, capaz de enfrentar solidariamente as crises, como se fez em relação às vacinas, na pandemia. Preparemo-nos em conjunto para as crises de amanhã – sejam elas ambientais, económicas, diplomáticas ou militares. Temos de chegar a acordos sobre condições de assistência e asilo a migrantes, ou seremos vencidos pelo populismo e pelo imediatismo. E garantir que os migrantes vivam com dignidade, com base num salário mínimo decente.

A Europa deve ter orgulho na democracia. Precisa de ser mais resiliente aos choques económicos, aos conflitos de fronteiras, à crise ecológica, às crises sociais e outras. Precisamos de renovação, da capacidade de inovar. Precisamos da força e união para o projecto europeu, em que o sentido de pertença só será possível se o modelo político da Europa for um bom exemplo e se tornar inspirador.

Este foi o cerne do discurso de Sassoli na reunião do Concelho Europeu em 16.12.21. Não suspeitava de que estava a despedir-se – dez dias depois seria hospitalizado, e morreria a 11 de Janeiro deste ano. Mas, no essencial, o seu legado ficou escrito, e continua válido.

Talvez premonitoriamente, notemos que Sassoli incluiu entre as crises vindouras, também as militares, e referiu que “acontecimentos recentes na fronteira com a Bielorrússia demonstraram claramente a necessidade de uma acção determinada e solidária nessa área vital”.

Na véspera deste discurso, a 15.12.21, Sassoli presidira, no Parlamento em Estrasburgo, à entrega do Prémio Sakharov a Alexei Navalni, – que ali representava todos os prisioneiros políticos cujos nomes referiu, e cuja libertação imediata reclamou:

“Ameaçado, perseguido, envenenado, feito prisioneiro, Navalni nunca foi silenciado”, disse. “Como activista anti-corrupção, candidato político, jurista e bloguista, nunca deixou de lutar pela liberdade de pensamento e de expressão, ousando questionar e opor-se a um regime autoritário, abusivo e corrupto. A corrupção floresce onde os direitos humanos são letra morta, e Navalni é um lutador que arrisca a vida pela dignidade humana, pela democracia e o primado da lei”.

Na sua ausência, representada na cerimónia por uma cadeira vazia, Sassoli acabaria de falar dando a palavra à Sr^a Navalni, através da qual a voz de Alexei, e de todos os dissidentes, se faria ouvir:

“Sr^a Navalni, o palco é seu”.

Setembro de 2022

A peça polaca

Sérgio Luís de Carvalho

Precisamos de reafirmar a solidariedade e a compaixão como princípios basilares da nossa sociedade.
(David Sassoli, no Dia Internacional da Solidariedade, 20 de dezembro de 2020)

1. Como Valter B. decidiu encenar a peça polaca e do que sobre isso disse mais tarde...

Quando mais tarde lhe perguntaram porque decidira levar à cena a peça polaca, Valter B. hesitou como se pensasse nisso. Depois, enfim, respondeu que a sua decisão fora motivada por uma fotografia que dias antes vira na primeira página do jornal, e que após a ter visto, fora um repente, fora um fogacho, fora um instante breve de tempo.

A fotografia mostrava uma criança morta no areal, uma criança com não mais de dois ou três anos, enrodilhada sobre si mesmo e com o rosto enterrado na areia; a suja espuma do mar onde há minutos se afogara roçava-lhe os tênis de imitação, não vestia farrapos, nem trapos, nem sobras deixadas pelos irmãos mais velhos, poderia até ser seu filho ou seu sobrinho ou seu vizinho da frente. Em torno um par de gaivotas, talvez três, sim, não mais de três; à sua beira, o olhar vão de um gendarme, o derrotado olhar de quem não vale a pena, já nem sequer vale a pena, um gendarme postado a um par de passos da criança afogada, três passos quanto muito, não mais de três, decerto, mas nada de tão lírico como as gaivotas em torno. Os jornais desse dia disseram que haviam morrido os refugiados todos, que nessa noite ninguém sobrevivera ao mar na ténue balsa como sempre sobrelotada, a criança fora só uma mais e só isso...

Após a hesitação, respondeu Valter B. à jornalista que, vendo aquela fotografia, a sua decisão fora um repente, fora um fogacho, fora um instante breve de tempo e que fora assim mesmo, sem mais-nem-menos, e então soube que teria de encenar a peça polaca.

Contudo, não fora assim. Ou, pelo menos, não fora bem assim, o que para o efeito vai dar ao mesmo. Na verdade, quando viu a fotografia da criança na primeira página do jornal, Valter B. até desviou os olhos várias vezes por incomodidade, outras tantas os retornando por remorsos. Depois, creu que esqueceria a notícia, mas relembra-a sempre. Enfim, destas reviravoltas da memória nada disse à entrevistadora, claro, pois por certo seria mal citado e a versão anterior era mais estética, mais simples e mais conforme à usual superficialidade jornalística.

A verdade é que a ideia da peça polaca surgira-lhe devagar, com idas e vindas; vinha-lhe à noite antes de adormecer e depois sumia-se-lhe; voltava-lhe ao ver as barças com os refugiados nos noticiários ou ao cruzar-se na rua com crianças daquela idade, ou ao ver roupa contrafeita em feiras de rua ou ao escutar o som

da água nos jardins. Devagar, mas embirante, como as coisas contra as quais não vale a pena lutar, coisas que estão ali e pronto, o que é que se pode fazer?

E quando, mais tarde, lhe perguntaram o motivo para levar à cena precisamente aquela peça, Valter B. falou de solidariedade, claro, de solidariedade, sim, o que somos nós sem solidariedade, o que somos se desviarmos os olhos, o que seremos se, como o gendarme a dois, três passos - quanto muito -, nos sentirmos sempre derrotados, com os braços sempre caídos ao longo do tronco, sentindo nesses braços qualquer coisa como impotência ou silêncio? Pois não falava a peça polaca de emigrantes pobres e de refugiados desamparados e de solidão?

Mas também isso não era a verdade toda. Valter B. sabia que a companhia andava pelas ruas da amargura, sabia que nem para remédios havia verba - e como eles eram precisos -, via os seus atores cruzarem-se nos corredores do teatro ou durante os ensaios sem saberem o dia de amanhã, coisa que, embora nunca ninguém saiba, aqueles pelintras ainda menos, coitados. E, contudo, ensaiavam sempre como se não fizesse sentido fazer outra coisa. Por isso, os atores olhavam-no como quem pede ajuda, como se ele tivesse a salvação para uma pequena companhia pobre de comediantes pobres, como se só ele fosse capaz de desencantar assim-do-nada uma peça de escasso custo e algum lucro, "algum" já seria bastante, nem pediam muito.

Foi então Valter B. percebeu que esse era o momento certo para levar ao palco a peça polaca. Não que Valter B. não fosse solidário com os infelizes que vinham em balsas reles e que, tantas-tantas vezes, davam à costa mais mortos que vivos ou mortos mesmo. Claro que Valter B. era solidário. Mas Valter B. era também prático, o que é bom, sobretudo nos tempos que correm - como em todos, diga-se de passagem -.

A peça polaca: dois atores, poucos adereços, toda a peça decorrendo numa cave miserável, custos mínimos e um contexto propício, pois não havia noticiário em que não se mostrassem aquelas imagens que andavam nos olhos de todos e que tantas polémicas provocavam. Valter B. vira a peça polaca há alguns anos, alguns lá fora; parece que fora numa homenagem ao autor recentemente falecido...

«*Uma homenagem a Slawomir Mrozek*»

...diziam os cartazes.

Até então, Valter B. mal ouvira falar; depois, passou a conhecer, e agora, ali estava a peça polaca em ensaios. As voltas que a vida dá...

2. Como Valter B. percebeu que a peça polaca lhe podia dar problemas...

Quando mais tarde lhe perguntaram quando compreendera que levar a peça polaca à cena lhe poderia causar problemas com "alguns setores" (foi assim que a jornalista se referiu aos manifestantes antirrefugiados e anti-migrantes), Valter B. sorriu, como se nesse sorriso houvesse toda a confiança do mundo. A bem dizer, não havia, mas, enfim, não olvidemos que Valter B. era um homem do teatro, e que o teatro, como toda a arte, é a realidade, mas em bom, e por isso lhe parecia lícito fingir. Depois, Valter B. desfez o sorriso, pôs-se sério, e garan-

tiu que percebera logo de início os problemas que a peça polaca lhe poderia causar com “esses setores”. Tal como todos os dias se viam imagens dos migrantes e dos refugiados mortos, moribundos ou mal-vivos a dar à costa, também todos os dias se viam manifestantes queixando-se dessa gente, queixando-se que são muitos, que são demais, que não nos competem, que não nos concernem nem nos calham, e que entre eles há toda a sorte de gentes, há gente desonesta, há gente aproveitadora, há gente calona e relapsa e oportunista e abusadora, basta uma maçã podre para contaminar toda a cesta de fruta, é sabido como as naturezas-mortas enganam as moscas que, de vez em quando, pousam nas telas e estragam o óleo das pinturas. Devia ser por isso que os manifestantes “desses setores” bradavam que não os enganavam com palavras belas mas inúteis, como “solidariedade” e “compaixão” e outras, que o importante era ter os pés bem assentes no chão e “cuidar primeiro dos nossos”.

Enfim, Valter B. respondeu à jornalista que sabia, desde o primeiro instante, que poderia vir bombarda grossa, que seria atacado por “alguns setores”, mas que não hesitara nem duvidara e que a decisão de encenar a peça polaca lhe fora um imperativo moral. Mais uma vez, a jornalista gostou da resposta, era uma resposta muito moral e calhava mesmo bem com o usual simplismo jornalístico.

Todavia, de novo, não fora bem assim. A verdade, é que, no início, após ter decidido encenar a peça polaca e de o ter revelado à companhia, Valter B. não supunha que isso lhes poderia trazer problemas com os tais “setores”. De tão modesta, a companhia não era assim tão falada (antes fosse) na comunicação social; havia os amigos do costume, decerto, os fiéis espetadores de sempre, decerto, os apoiantes certinhos-certinhos, decerto, mas nunca nada de multidões na bilheteira (antes houvesse), nunca nada de reportagens em horário nobre (antes fossem) ou críticas de página inteira nos periódicos mais lidos (uma miragem). O mais certo, julgava Valter B., seria a peça polaca dar-lhes alguma visibilidade dado o contexto, e isso já seria muito bom.

A primeira vez que Valter B. percebeu que as coisas seriam mais graves do que supunha, fora naquele fim de tarde, talvez para aí na segunda semana de ensaios. Nos dias anteriores, houvera já pequenas notícias em alguns diários anunciando que a peça polaca seria estreada daí um par de semanas, diziam que a peça era um “despertar das consciências em prol dos migrantes e dos refugiados”, que era “um grito de alerta, uma decisão política, um manifesto, um solidário eco” e por aí fora. Não era bem assim, ou, pelo menos, não era tão assim, mas já se sabe como é o usual sensacionalismo jornalístico. Também nos dias anteriores, haviam surgido um artigo a elogiar-lhes a coragem e outro artigo a criticar-lhes a levandade, nunca antes a companhia tivera dois artigos e tantas notícias em tão poucos dias, alguns atores estavam eufóricos pela publicidade, outros receavam as polémicas e mais uns tantos ainda não se haviam decidido.

Ora, naquele dito fim de tarde, ao sair do teatro, viu Valter B. a uns passos um grupo a manifestar-se contra os migrantes e contra os refugiados e contra a peça polaca. Não eram muitos, coisa de uma dúzia, coisa dos dedos das duas mãos, como soi dizer-se; mas eram, apesar de tudo, uma novidade, e Valter B. estacou. Tinham um cartaz à vante que dizia qualquer coisa como “*a nossa gente*

primeiro”, mas não era claro quem eram os *nossos* e quem os *alheios*, o que, para o caso, era igual, pois aquela gente nunca complicava muito as mensagens respetivas. Protestavam contra peça que não conheciam, queixavam-se contra aquela invasão de forasteiros com que nunca se tinham cruzados e reclamavam contra o abandono dos “nossos”, garantindo que “nos deviam antes assegurar aos nossos o que aos alheios queriam oferecer de mão beijada”.

Foi nesse fim de tarde que surgiu à memória de Valter B. uma frase que outrora lera e que desde aí o cativara: “*Não há nenhum monumento à cultura que não seja, ao mesmo tempo, um monumento à barbárie*”. Valter B. ainda foi a tempo de colocar essa frase nos cartazes, debaixo do título da peça. Aquilo até parecia uma epígrafe.

3. Como decorreram os dias até à estreia, e do que realmente sucedeu nessa noite com o sr. Portbou...

Quando mais tarde lhe perguntaram como vivera os dias anteriores à noite de estreia e, sobretudo, o que sentira nessa noite que tão estranha fora, Valter B. suspirou como quem se conformara há muito com as pilhérias humanas. Durou-lhe o silêncio coisa de uns segundos, o necessário para criar ambiente; depois garantiu que, nessa noite, mais não sentiu que um breve temor, logo seguido por uma grande confiança.

Uma vez mais, Valter B. disse o que julgava necessário e não o que sabia ter acontecido. Desta vez, porém, não foi apenas uma simplificação da realidade. Não, desta vez, Valter B. mentiu, e foi melhor assim.

A verdade é que, à medida que se acercavam os dias da estreia, mais manifestantes se juntavam defronte do teatro, havia até reportagens em direto e notícias e artigos ora contra os refugiados e os emigrantes, ora contra os que estavam contra os refugiados e os emigrantes; ora era a companhia e o seu encenador que eram acusados de “irresponsabilidade” por apoiarem “pessoas vindas não se sabe de onde para virem aqui fazer sabe-se lá o quê”, ora era a companhia e o seu encenador que eram elogiados “por serem compassivos com quem precisava em momentos de aflição”; ora se dizia que “temos de ser severos”, ora se dizia que “temos de ser fraternos”, aquilo era um corrupio que aparentemente só beneficiava a companhia a seis dias para a estreia, a três dias, a dois dias e foi assim que, finalmente, chegou a noite da estreia.

Nessa madrugada, uma pedra anónima quebrara a vitrine com o cartaz, mas ainda se lia ...

Os emigrantes

...o nome do autor...

Slawomir Mrozek

...e a frase escolhida como uma epígrafe...

Não há nenhum monumento à cultura... e etc.

Dir-se-ia que cultura e barbárie se haviam defrontado nos dias anteriores, à porta do teatro, o que no afinal calhou bem, que à pala de tamanha polémica a

sala estava quase cheia, uma boa estreia, sim, agora talvez pudesse haver verba para remendos, mas a que custo, perguntou um dos dois atores - mais precisamente o que fazia de emigrante pobre - que não escondia o temor, sobretudo depois de ver a vitrine partida por pedra anónima lançada durante a madrugada, que é a hora dos cobardes e dos amantes (se bem que, para o mal e para o bem, qualquer hora serve). Fosse como fosse, a julgar pela casa tão bem composta e pelos vários jornalistas presentes, se as críticas não fossem más e se a peça continuasse nas bocas do mundo, a companhia iria manter a cabeça fora de água por longo tempo - uma metáfora que tanto o fez sorrir como o desgostou - ...

A menos de duas horas para a estreia, chamaram-no ao telefone da bilheteira. Ao princípio, Valter B. não reconheceu a voz, mas quando esta lhe revelou ser o senhor Portbou, pareceu ao encenador que essa voz era-lhe mais familiar que parente antigo. Nunca se haviam cruzado cara-a-cara, é verdade, mas conheciam-se; aliás, quem, no meio, não conhecia o senhor Portbou? Uma benéfica palavra do senhor Portbou nos jornais e a peça estaria lançada; uma palavra sua no sentido oposto e a peça poderia estar condenada; diziam que era o melhor crítico de teatro da cidade, pelo menos o mais influente era. E contudo, nunca os artigos do senhor Portbou se haviam debruçado sobre a sua companhia, nunca a sua palavra se derramara por nenhuma peça até aí encenada. Talvez agora, quem sabe...

O senhor Portbou pediu-lhe um encontro, uma coisa muito breve, que o senhor Portbou conhecia bem os afogadilhos das estreias; todavia, precisava de falar com ele, esperava-o num pequeno café a poucos passos, decerto teria tempo, bastavam um minutinhos... Tinha tempo, pois claro que tinha, senhor Portbou, ia lá Valter B. dizer que não ao senhor Portbou, sobretudo se uma palavra, se um comentário, se uma crítica, ora essa, senhor Portbou...

Valter B. passou por entre os manifestantes enquadrados por alguns gendarmes; além, alguns jornalistas aguardavam a estreia próxima e mais além o café. Viu-o mal entrou, numa mesa ao fundo e com uma chávena quente nas suas mãos; percebeu-lhe o distante aceno e um convite para se lhe juntar na mesa.

Mal Valter B. se sentara à sua beira, começou logo o senhor Portbou de lhe dizer que já escrevera a sua crítica à peça polaca que dentro um par de horas se iria estreiar. O seu texto, afirmou o senhor Portbou, era grandito, coisa de realce e de página inteira, coisa acabada de entregar na redação e que sairia logo na edição da manhã seguinte. E mais lhe disse que seria uma crítica dura, uma crítica arrasadora em cuja nada seria poupado e na qual diria tratar-se de “uma das piores e mais oportunistas peças que há muito era posta em cena na cidade”; diria ser algo a esquecer, a evitar, “um lixo”.

Depois, o senhor Portbou perguntou-lhe se queria tomar alguma coisa, afinal fora ele que convidara, não é verdade?

Mais tarde, lembrando esse instante, Valter B. recordou o seu estupor e a sua incompreensão. Mais tarde, recordou os seus titubeios, as palavras que lhe saíam boca fora aos pedaços, as interrogações... Claro que o senhor Portbou entendia perfeitamente a sua surpresa; claro que o senhor Portbou tinha noção do absurdo de tudo aquilo, afinal, criticar uma peça sem a ver, destruí-la sem mais nem menos antes sequer de lhe pôr a vista em cima, era um ab-

surdo, não era? Era, garantiu o senhor Portbou. Sobretudo, porque a peça até poderia estar excelente, não era? Era, assegurou de novo o senhor Portbou. Mas o senhor Portbou também lhe garantiu tudo fora muito matutado, muito calculado, e que agora era irreversível, pois o senhor Portbou decidira dizer tão mal da peça polaca para lhe impedir o futuro. O seu verdadeiro valor, de pouco lhe importava...

Mais tarde, Valter B. recordou o silêncio em torno de ambos, num café cheio de gente e de ruído. O senhor Portbou mexia os lábios, repetia que o seu artigo era irreversível, que nada poderia já parar o destino das rotativas. Talvez o senhor Portbou se tenha apercebido das perguntas que Valter B. não conseguia proferir, pois explicou-lhe que era contra “todas as escumalhas que davam à nossa costa”, esses “bandos de desordeiros, essas hordas”, que era contra qualquer coisa que Valter B. já não escutou diretamente, enfim, “uma chusma” a que o senhor Portbou se opunha sem reservas; e mais disse o senhor Portbou, que apenas o pudor do seu nome de influente e neutro crítico teatral o impedira de estar com os manifestantes que desde há um par de semanas se juntavam à porta do teatro em protesto. Agora -dizia o senhor Portbou-, cumprira a sua parte na batalha a que, não dando o rosto, dava a escrita... Antes de se levantar e de sair, o senhor Portbou ainda confessou que lhe revelava tudo aquilo por cortesia entre pessoas do teatro, bem entendido; mas também porque desse modo teria o prazer de ver a expressão do encenador. Afinal, se não lhe convinha manifestar a sua posição contra os refugiados, pelo menos alguém saberia dessa sua vitória, o que lhe era um pequeno prazer...

Valter B. não chegou a pedir nada. Por isso, o senhor Portbou não teve o gosto de lhe oferecer o que quer que fosse. O senhor Portbou desejou-lhe melhor sorte para a próxima (se houvesse próxima) e saiu. Quanto a Valter B., deixou-se ficar na mesa, o mesmo silêncio dentro e fora de si, os mesmos titubeios às voltas na sua cabeça, as mesmas incompreensões e, no fim, as mesmas conclusões: sim, a peça seria um fracasso; sim, o que o senhor Portbou escrevia era lei, peça por ele arrasada era peça sem amanhã; sim, com sorte talvez se agentassem em cena uns dias, uma semana, duas semanas a meia casa ou a um terço (o costume), e já nem seria mau; sim, os seus nomes seriam amesquinados pela crítica do senhor Portbou, e quem sabe se doravante valeriam alguma coisa no meio, talvez passassem a ser apenas conhecidos como “aqueles que o senhor Portbou”...

Valter B. olhou para o relógio. Dentro de uma hora seria a estreia; dentro de uma dezena de horas, a crítica do senhor Portbou sairia no jornal, que as rotativas, como o destino, já rodavam, irreversíveis.

Contudo...

Quando mais tarde tentou lembrar-se de como lhe viera a ideia que os salvaria, Valter B. nunca soube o que concluir. A verdade (esta sim, verdadeira) é que fora um repente, fora um fogacho, fora um instante breve de tempo. Primeiro, percebeu dentro da sua mente, um sussurro; depois, o sussurro passou a ser uma voz; por fim, a voz passou a ser um clamor, um estrondo, tudo isso num processo similar à propagação das calúnias segundo Rossini (Valter B. encenara o *Barbeiro de Sevilha* há uns aninhos), um estrondo que insistia, que

o empurrava. E Valter B. enfim, decidiu-se. Não havia nada mais a fazer, repetiu para si várias vezes ao pegar no telefone, repetiu-o ao escutar os toques no outro lado, repetiu-o ao ouvir a voz da rececionista do teatro. E então, disfarçando a voz, Valter B. disse...

4. Como Valter B. assistiu à intervenção do destino, constatando, como lhe dizia a avó, que Deus ajuda quem se ajuda...

Quando mais tarde lhe perguntaram como vivera a noite da estreia que não chegou a haver, Valter B. pôs uma expressão austera, onde tristeza e mágoa se mesclavam tanto quando lhe era possível representar, e assegurou à jornalista que nunca pensara que pudesse existir gente com tanto ódio. Mas, enfim, tudo acabara por correr pelo melhor, pois o teatro fora calmamente evacuado minutos antes da estreia, os espetadores saíram sem sustos, o edifício ficou vazio - veja-se a coincidência - precisamente à hora marcada para a estreia. Entretanto a rua pejara-se de jornalistas à cata de notícias de última hora acerca do sucedido, o que não faltava eram suposições e dúvidas, os espetadores que saíam mostravam-se solidários com a companhia e com os atores e o encenador, ao mesmo tempo que não escondiam a sua revolta, como era possível que tais coisas ocorressem, como era possível haver tanto ódio, as câmaras transmitiam diretos e os gendarmes iam afastando todos para trás das barreiras montadas à pressa, nunca se sabe se uma ameaça de bomba é verdadeira ou não.

De qualquer modo, nenhum espetador pediu a devolução do dinheiro do bilhete que lhe seria devida por causa da anulação da estreia, era só que faltava darem parte de fracos, era só o que faltava se uma ameaça os ia impedir de assistir à peça polaca, era o que faltava ceder a essa gentilha populista e xenófoba. Todos garantiram aos jornalistas que viriam às representações do dia seguinte e dos outros dias, enfim, todos os espetadores dessa noite se meteram a brios e ainda bem, que no dia seguinte (que acabou por ser o da real estreia) o teatro encheu-se e no dia a seguir, também, e nos seguintes, igualmente e por aí fora, meses de salas cheias e de reportagens nos jornais, nenhuma dizia mal da peça - exceto uma, claro, aquela tal crítica que saíra na manhã seguinte à estreia que não chegou a haver -.

Mas isso era outra história. Uma história triste que Valter B. mais tarde se recusou a comentar à jornalista, quanto mais não fosse “para não achincalhar mais ainda o nome do crítico que assinava esse artigo”, um crítico até aí com nome influente e reputação certa e com fama e tudo isso; veja-se bem como as coisas são, veja-se como tudo se perde num dia, numa manhã, numa hora.

Nunca os gendarmes descobriram quem fez, na noite da estreia, o telefonema com a ameaça de bomba; detetaram que fora feita num café próximo e nada mais. Coisa de fanáticos, por certo, coisa de gente sem compaixão, talvez de um dos manifestantes que nos derradeiros dias se haviam aglomerado à porta do teatro em protesto, dizia-se à boca cheia. Se assim fora, tudo lhes saíra pela culatra, pois tal ameaça acabou por garantir o sucesso da peça polaca...

As coisas mudam, como se sabe.

5. Como Walter Benjamin morreu em Portbou, sem que isso nada tenha a ver com a peça polaca, pelo menos à primeira vista...

No final do dia 25 de setembro de 1940, que era uma quarta-feira, o filósofo alemão Walter Benjamin suicidou-se em Portbou com uma dose excessiva de morfina. O seu corpo foi encontrado na manhã seguinte, deitado na cama do Hotel de Francia, onde na véspera se alojara.

Portbou era, ao tempo, uma vilória catalã de fronteira, ainda semidestruída por causa da guerra civil que apenas há seis meses havia terminado, e por onde se aglomeravam milhares de refugiados em trânsito para Lisboa, fugidos dos exércitos nazis cada vez mais próximos dos Pirenéus.

Walter Benjamin chegara a Portbou na madrugada dessa quarta-feira, depois de muitas horas de fuga por trilhos escalavrados nas montanhas. Walter Benjamin tinha 48 anos, mas os derradeiros oito anos de exílio davam-lhe o aspeto gasto e velho dos refugiados, tenham eles a idade que tiverem...

Quando Walter Benjamin e o grupo que consigo vinha chegaram a Portbou, foram informados que acabara de chegar de Madrid uma ordem para impedir a passagem dos refugiados, o que implicava que seriam recambiados para França, onde os aguardavam as hordas alemãs que tinham acabado de derrotar o exército francês, as mesmas hordas de que eles fugiam. Walter Benjamin, sabia bem o que o esperava. Como filósofo judeu e marxista, como personalidade há muito na lista negra do ogre nazi, estava certo que seria executado, como tantos outros que não lhe haviam conseguido escapar. Por isso, se recolheu ao Hotel de Francia, e aí tomou a dose excessiva de morfina. Afinal, Walter Benjamin, percebera que era ali, em Portbou, o fim do seu caminho, e que o cansaço o impedia de lutar mais.

Na manhã do dia 26 de setembro, quinta-feira, os seus companheiros de fuga encontraram-no já morto, o que os impediu de lhe comunicar que a ordem de Madrid chegada na véspera acabara de ser suspensa e que, assim sendo, o grupo podia seguir o seu caminho para Lisboa. Na verdade, essa ordem apenas vigorara um único dia...

Anos mais tarde, os catalães construíram em Portbou um memorial em sua homenagem. O memorial tem o nome de *Passagens*, e consta de um túnel que desce do seu túmulo em direção ao mar, o que não deixa de ser uma ironia, pois não só Walter Benjamin chegou a Portbou por terra firme, como a sua morte foi causada, precisamente, pelo facto de não ter podido “passar”. Não importa, pois como já se disse, a arte melhora a realidade. Junto à sua campa, uma placa de mármore transcreve uma citação de Walter Benjamin, extraída da sua obra “Teses sobre a Filosofia da História”:

Não há nenhum monumento à cultura que não seja, ao mesmo tempo, um monumento à barbárie.

No fim desse túnel, vê-se o Mediterrâneo, quase sempre muito azul e muito calmo. Mas já se sabe como é o mar. Tudo pode mudar de um momento para o outro. Afinal, às vezes, uma hora chega; às vezes, um dia basta.

Portugal e a Europa. Singularidades e Diferenças – entre sonhos e realidade

Amadeu Prado de Lacerda

[...] reawakening the feeling that Europe is a project with which all Europeans can identify.

[...] EU should also be a beacon and inspiration not only for our fellow citizens in Europe, but also beyond our borders.

[...] It is now up to us to make those visions [democracy, freedom and prosperity] a reality.

(David Sassoli)

Cabo de São Vicente extremo sudoeste da Europa, onde “a Terra acaba e o Mar começa”.

Fim de tarde sereno e quente. Céu de um azul inebriante, límpido e cristalino.

- Os pés assentes na terra quente da Europa, essa *Vecchia Signora*, bela e luminosa princesa fenícia raptada por Zeus, e que seria a Mãe de uma civilização de enorme riqueza espiritual.
- Os olhos prenhes de sonhos espriados pelo mar largo, estrada de um povo, onde se reflete o sol de um resplandecente vermelho alaranjado, que, serenamente, vai empalidecendo e, no horizonte longínquo, se funde num abraço amoroso sempre renovado com a terra, deslizando suavemente para o leito da noite.
- O coração eterno vagabundo caminheiro das partidas do mundo.

Estranha sensação de um filho da diáspora, com raízes mergulhadas em Portugal e na cultura europeia, simultaneamente bafejado pela brisa e odores dos grandes espaços de África.

Num olhar introspetivo sobre as duas realidades *mater* – Europa e Portugal – descubro dois mundos de comunhão e de diferença.

Sem arrogância nacionalista, pode-se afirmar que Portugal e as suas gentes, mercê da sua posição no extremo oeste do continente, tendo como companheiros o mar e a Espanha, conduziram a um distanciamento, quando não mesmo um isolamento, que lhe conferiram uma personalidade singular no concerto das nações europeias.

A Europa foi e é um grande palco por onde passaram e passam os acontecimentos mais relevantes da sua história.

Portugal foi e é uma pequena plateia que observa curiosa os espetáculos que se lhe oferecem, com reduzida interferência, ainda que sujeito às suas consequências.

Esta particularidade geográfica e a decorrente condição humana criaram e alicerçaram algumas características muito próprias.

A estabilidade das fronteiras quase milenares, sem alterações substantivas, mesmo no período da ocupação Filipina, foi um esteio fundamental de paz e tranquilidade. Contrariamente à restante Europa sujeita a frequentes conflitos,

pela definição das mesmas, por ambições territoriais, por motivos dinásticos ou por questões religiosas não tão raras quanto se suponha, com um Papado por vezes beligerante à revelia da doutrina cristã.

A ausência de vizinhos é um fator favorável, mas saliente-se que, mesmo em relação à Espanha, as situações conflituosas não são relevantes, em tão dilatado período de tempo.

A Europa além Pirenéus tem desde os seus primórdios uma história de conflitos devastadores que se estenderam até ao século XX com sucessivas, variadas e divergentes posses territoriais.

Em dois momentos capitais de perigo de soberania, um por Castela a outro pelo exército de Napoleão, não deixámos de ser europeus à boa maneira conflitual da Europa Central.

Sem o auxílio precioso de Inglaterra, teríamos soçobrado em Aljubarrota e frente ao exército napoleónico.

Excluídos estes dois momentos de perigo, as fronteiras não foram violadas e são, no concerto das nações, o testemunho de uma das mais longas, estáveis e pacíficas relações no caso vertente com a Espanha, sem paralelo com o que se passou e se passa na restante Europa do passado ao presente, como a situação da presente invasão da Ucrânia.

A monarquia portuguesa atravessou oito séculos sem grandes sobressaltos de sucessão que originassem conflito ou violência entre os portugueses, com exceção quando estava em jogo Castela e a garantia da independência e, mais tardiamente, no século XIX, com a luta fratricida entre D. Pedro IV e D. Miguel, o único e verdadeiro conflito entre portugueses.

A história da Europa, com várias casas reinantes e interesses dinásticos de poder, territoriais e religiosos em jogo, foi um campo de violência dramático que subsistiu mesmo com as repúblicas e se estendeu até ao século XX com dois conflitos mundiais, em que Portugal participou no primeiro, em nome da defesa do que restava do império e no segundo, em que mercê da hábil diplomacia de Salazar, manteve a neutralidade com um piscar de olho matreiro à Alemanha sem atraiçoar a fidelidade à velha aliança com a Inglaterra.

Do ponto de vista religioso, tal como de outros aspetos da vida, a distância dos centros do poder, no caso em questão o Papado, concedeu à Igreja Portuguesa não só um espaço de manobra como a ausência de participação nos conflitos e crises que afligiram a restante Europa.

Com exceção da infeliz expulsão dos judeus, verdadeira delapidação do nosso património intelectual, e desse cataclismo religioso que foi a Inquisição, não houve em Portugal conflitos religiosos relevantes.

O catolicismo em Portugal, pela distância dos grandes centros nomeadamente Roma, e o isolamento que isso proporcionou, foi sempre genericamente marcado por um cariz popular, sufragado pelo clero, muito dele com a mesma origem e que em conjunto com outros fatores modelou a sociopsicologia das gentes. Fortemente focado na figura de Maria, pode-se dizer que teve e tem uma expressão materna, diria mesmo maternal, sem, todavia, secundarizar o Filho, nem ofuscar o Pai, num equilíbrio tão português.

O profano e o sagrado coabitam pacificamente em mais uma singularidade, do que na Europa tem fronteiras bem definidas e que se acentuaram com a Reforma, originando posições antagónicas quando não dolorosamente violentas.

Em Portugal, a Reforma, à boa maneira portuguesa, não teve contornos conflituais como na restante Europa, pese embora a Inquisição. Pode-se dizer como mais uma singularidade, que a Reforma foi uma onda que se desfez em espuma na areia.

Compartilhámos com a Europa o Renascimento, dando novos mundos ao mundo. Não tivemos Galeno, Copérnico, Petrarca, Dante, Da Vinci, Miguel Ângelo e tantos mais, mas tivemos os Descobrimentos, aventura gigante para um pequeno povo. Fizemos a primeira globalização. Criámos um estilo arquitetónico, “o Manuelino”, que entrelaça a terra e o mar num halo de beleza. Tivemos Camões, o Infante D. Henrique, arquiteto sonhador da aventura dos mares, Vasco da Gama, Pedro Nunes, Garcia de Orta e tantos outros que anónimos foram a argamassa do sonho, da aventura, e da sua realização.

Acompanhámos à distância as maravilhas da ciência, o desenvolvimento cultural e humanístico da Europa, qual nova Atenas! Procurámos seguir na sua pegada. Fascinou-nos sempre o seu *glamour*.

Com o Padre António Vieira, Fernando Pessoa, Saramago e tantos outros que nos trouxeram a Europa e nos levaram a ela, fomos Europa. Somos definitivamente Europa, após a revolução festiva dos cravos de Abril de 74. Comungamos do mesmo sonho, participamos da mesma vivência, com a integração na União Europeia.

Acreditamos na Europa de George Steiner, que é feita de cafés e cafetarias, ponto de encontro da cultura e da simplicidade, onde se juntam intelectuais, cientistas e vagabundos, que se pode percorrer a pé sem interrupções, sem acidentes geográficos impeditivos, com ruas e praças com nomes de escritores, políticos e artistas e não com a frieza anónima dos números, fiel à herança de Atenas e Jerusalém, em permanente ressurgimento e fonte de discussão e controvérsia, teológica, filosófica e política, Europa que tem uma autoconsciência particularmente sua e porventura única.

É esta Europa autora das maiores atrocidades e barbaridades que se têm repetido ao longo da história, mesmo no passado recente, mas que é sempre capaz de ressurgir do negrume da noite mais escura para a claridade mais bela e límpida da liberdade, igualdade, fraternidade e justiça que tem de ser o testemunho permanente a transmitir às gerações futuras, para que o temor de alguns do ocaso da civilização europeia, não se materialize, e, pelo contrário, haja sempre tempo para uma nova aurora da cultura e da civilização. Europa “da esperança”, nas palavras luminosas de David Sassoli...

[...] To unite us all, a project that embodies our Union, our values and our civilisation, a project whose worth is clear for all Europeans to see and which can be our rallying point. [...] We must work together to make the EU motto of ‘Unity in diversity’ a reality and a pledge we honour every day.

Reclama-se uma batuta nas mãos da inteligência!

Eugénia Abrantes

In memoriam David Sassoli (1956-2022)

Uma varinha de madeira, leve e elegante, com uma ponta arredondada, a que se dá o nome de pera, usada para a direção musical de orquestras, conjuntos corais e bandas, assim se define, genericamente, uma batuta (*battuta*, termo italiano, «batida», «compasso»). Este pequeno bastão ganha vida ao serviço do engenho do regente interpretando uma peça musical. A batuta, nas mãos de um maestro, cumpre, de forma sublime, diversas funções, como a de prolongar os seus gestos, a de dar-lhes maior visibilidade, a de concentrar a atenção dos músicos, etc. Pequeno instrumento ao serviço da excelência de uma execução musical, a batuta dança na intensidade da cadência da inteligência criativa de um intérprete!

Senhores maestros, hoje, peço emprestado o vosso pequeno artefacto, porque quero falar da «orquestra» chamada Europa e dos seus maestros.

Há dias, deparei-me, sem que o esperasse, com o livro de Laurent Warlouzet, intitulado *Histoire de la construction européenne depuis 1945*, onde o autor coloca, entre outras, e no quadro da identidade europeia, duas grandes questões: podemos nós morrer pela Europa? O que significa ser «europeu»? Em forma de conclusão, escreve Warlouzet:

Ainsi, si personne ne peut «mourir pour l'Europe», une forme d'identité européenne et même communautaire existe, mais elle est impressionniste, bien moins affirmée que l'identité nationale qu'elle complète sans la remplacer. Les divisions internes sont nombreuses, et leur dépassement dans une communauté pacifique et tolérante constitue finalement une valeur majeure de la construction européenne. Au contraire, l'«Europe puissance» peine à s'incarner, surtout dans les sphères diplomatiques et militaires où les grands États restent dominants. La diversité de l'histoire de la construction européenne montre que le futur reste ouvert. Une désintégration de l'Union est possible et pourrait ouvrir la voie au retour des rivalités nationales intestines, et à l'influence des puissances extérieures anciennes (États-Unis, Russie) ou nouvelles (Chine). Dans un scénario plus modéré, si le Brexit faisait des émules, l'UE serait progressivement remplacée par une vaste zone de libre-échange, un projet dont l'histoire a montré la récurrence. Inversement, les pistes de réformes des plus européistes incluent l'intégration différenciée, avec un cœur renforcé, notamment pour pallier les déficiences démocratiques et de solidarité constatées lors de la crise de l'euro [Hennette et al., 2017; Spector, 2021; Chopin, 2022] (Warlouzet 2022, 111).

E, Laurent Warlouzet finaliza o texto com estas palavras: «Bien souvent, ces projets reprennent des idées formulées depuis longtemps en les réactualisant, comme un palimpseste en perpétuelle réécriture» (Warlouzet 2022, 111).

Não discuto, por agora, se os projetos «reprennent des idées formulées depuis longtemps en les réactualisant, comme un palimpseste en perpétuelle réécriture», questiono, isso sim, a reescrita desses mesmos projetos europeus e sobretudo a mestria das mãos daqueles que os reescrevem.

Europa nossa! Europa nossa! Que «maestros» temos nós? Que «maestros» queremos ter? Qual é, na verdade, o limite mínimo a partir do qual impetuosamente começamos a reagir, porque não nos queremos contentar com menos do que esse mínimo?

Nasci portuguesa, nasci europeia! E nascer europeia é nascer com um projeto humano no coração; é possuir gratuitamente um tesouro cultural gigante; é nascer com uma herança espiritual e religiosa inquestionável; é nascer com uma carta de responsabilidade mundial; é nascer com a experiência de diversidade; é nascer com um tratado de paz e de união na mão; é nascer com alma de artista; é nascer com um sentimento de fragilidade particular e de incompletude; é nascer com o pesar dos momentos negros da História; é nascer com o orgulho de acontecimentos históricos notáveis; é nascer respirando paraísos naturais únicos; é nascer com uma força criativa de construção e de aventura; é nascer com a mente inundada de utopias; é nascer com sonhos de felicidade! Que sorte notável! Como é possível querermos nos contentar com menos do que isto? O facto é que há quem queira!

Onde mora, hoje, a inteligência de tantos homens e mulheres europeus? Há uma miopia política, cultural, económica, social, educacional, espiritual e ecológica; sofre-se da cegueira de um narcisismo militante; padece-se de uma afeção degenerativa da nobre capacidade humana de unir na diversidade!

Senhores maestros europeus,

não me apaguem as luzes da Europa. Não me escondam os gigantes do humanismo europeu que nos fizeram únicos. Não me fechem as fronteiras que destemidamente ousámos abrir. Não me ergam os muros que lutámos por destruir. Não me destruam os campos verdejantes, nem me sequem os rios, os lagos e os mares que me fazem viver. Não me retirem o direito de poder dizer «eu creio em...». Não me desatem os nós que conjuntamente amarrámos. Não me proponham falar uma só língua, nem escrever um tom monocromático. Não me proibam de ser humana, solidária, livre, feliz. Não me obriguem a ser «minúscula». Não me tornem incógnita! Não me aprisionem!

Chamo-me esperança, tal como a figura feminina da pintura de Sir Edward Burne-Jones «*Hope*», cativa, num espaço exíguo, possuindo uma grilheta num dos tornozelos que me prende ao chão, segurando um ramo de macieira em flor, numa das mãos, enquanto a outra tenta alcançar o céu, como quem o tenta fazer descer.

Europa minha! Europa Minha!

Entrega a batuta nas mãos da inteligência! Não te contentes com menos!

Referências bibliográficas

Warlouzet, L. 2022. *Histoire de la construction européenne depuis 1945*. Paris: Éditions La Découverte.

David Sassoli cidadão emérito da Nova Europa

Júlia Nery

A nova Europa nasceu da vitória do Humanismo
sobre a barbárie.
(Edgar Morin)

David entrava no táxi que o levaria ao Christkindelsrimäk de Estrasburgo, onde mais uma vez o fanatismo religioso fizera vítimas, quando s recebeu, via telefone, um convite para o ensaio da peça a ser levada à cena pelo grupo de amigos de Antonio Megalizzi. Teria pensado ser vítima de uma brincadeira mórbida, se não houvesse tanta tristeza na voz de quem falava. E, poucos minutos depois, lá ia ele pelos corredores do teatro muito atento à inconveniência do ruído dos seus passos, mas ouvindo e sentindo mesmo assim a força agreste das palavras que vieram esperá-lo à porta da sala:

Eia! Eia! É chegado o nosso tempo, o tempo dos chacais. A nós se juntam homens lobos do Homem. Do medo fazemos ódio, raiva e covardia. Frente aos nossos horrores o coração do Homem se fecha à própria humanidade e até a compaixão é vencida pelo medo de perder a vida.

Quão louco é aquele que luta pela verdade e a justiça, pelo direito á liberdade e ao impulso do bem.

Pela guerra vamos como alcateia, dividindo os homens, obrigando-os a recusar a solidariedade e a democracia, e ensinando-os – à coronhada e a golpes de chicote, como se faz às alimárias – que é cada um por si, que deverão viver de acordo com a nossa vontade e terão de esquecer a sua.

David já não entrou na sala e, distendendo os dedos a negar-lhes o gesto de raiva, cedeu à emoção, comovendo-se tanto como se estivesse no local ainda manchado com o sangue de Megalizzi, aquele jovem, cujo entusiasmo pela causa europeia os aproximara.

A caminho da saída do teatro, pisava com força o chão, como se pudesse assim abafar as palavras dos chacais, que lhe agrediam o espírito e não os ouvidos, por lhe representarem, tão evidentemente, o ódio, os terrorismos, os extremismos, as prepotências, a guerra, obstáculos maiores à realização do sonho europeu, do qual queria ser um paladino. Como ele, muitos e muitos lutariam para se construir um futuro moldado na paz e na unidade em diversidade, ancorando-se na verdade e na justiça.

Estava quase a chegar ao local do atentado terrorista, ali, em Estrasburgo, cidade símbolo dos valores europeus. Pela associação de ideias que estas duas palavras provocaram, recordou o amigo e indignou-se com o crime que lhe tirara

a vida. Talvez, ao ser baleado, ele tivesse ouvido gritar *Allahu AKbar*, enquanto caía, rasteirado pela morte; talvez pudesse ainda ter sabido que era o ódio de um extremista religioso do *daesh* que o calava para sempre. E assim se perdia um entusiasta militante do sonho europeu.

Quando David Sassoli atravessava a *Rue des Orfèvres*, viu o que lhe pareceu ser uma homenagem simples às vítimas do atentado terrorista no mercado de natal de Estrasburgo: um vaso de verduras, ladeado de velas já apagadas e de flores, servindo de pedestal a uma folha de papel, onde alguém escrevera TOUS UNIS UNIS CONTRE LA BARBARIE.

No relógio da Catedral começam a soar as doze pancadas do meio dia. Ele sabe, desde menino, que um velho esculpido está a passar diante da morte que, brandindo o seu bastão de prata, vai batendo as horas.

Sassoli lê agora em silêncio, para as tomar em si, as palavras do vaso. Aceita-as como uma exortação ao projeto político que, com uma clareza tão sucinta elas propõem. Mas como também aprendeu que a morte é senhora do tempo, e por isso o amanhã não nos pertence, ele quer começar desde logo a bater-se para que a ideia de que todos se devem unir contra a barbárie se transforme em ação.



Figura 1 – Fusillade de Strasbourg 2018: hommages dans la rue des Orfèvres, le surlendemain.